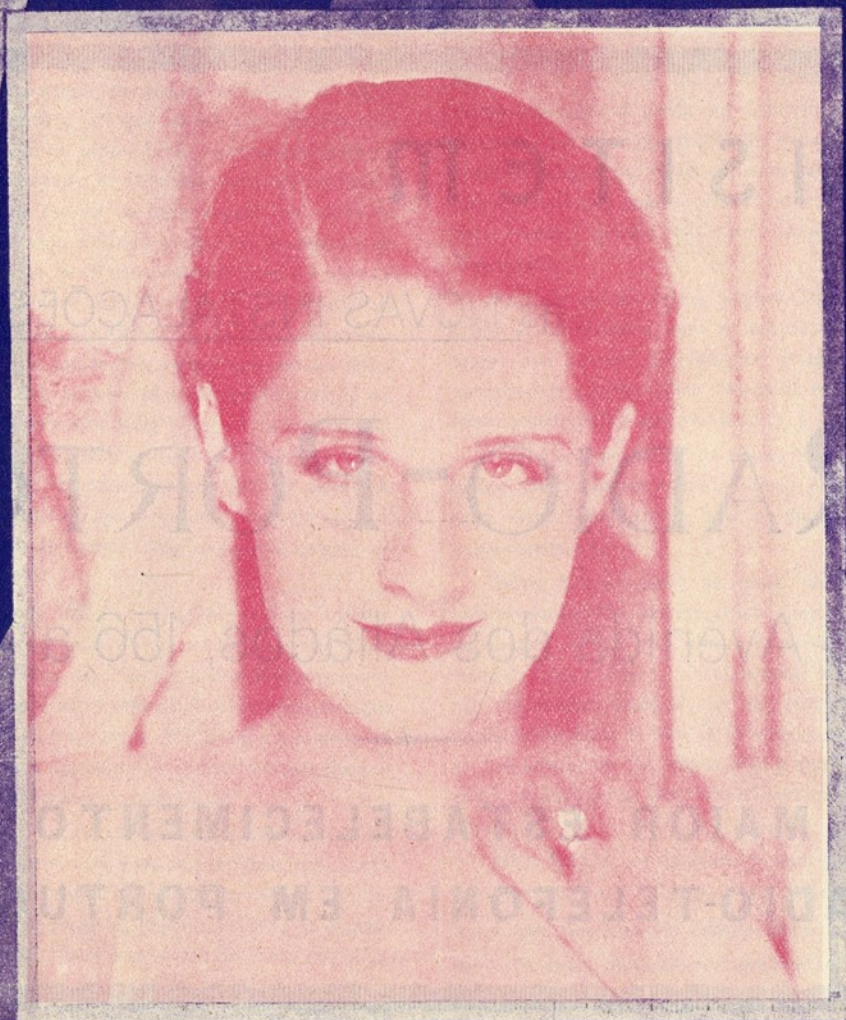


AVANCE CINE

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA



N.º 157

50 CENTAVOS

ANO IX



invicta cine

SEMANARIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

«SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS»

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACITOR PRINCIPAL
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
(PROVISORIAMENTE)
RUA DAS MUSAS, 45
PORTO (Portugal)

ANO IX
Numero 157
PORTO
20 DE FEVEREIRO
1932

COMPOSTO E IMPRESSO NA
TIP. EMP. DIARIO DO PORTO

REDACTORES:

LISBOA: Fernando Barros
— e Aguinaldo Machado —
PARIS: Daniel Maybon, Robert
— Gaillard e Maurice Hiléro —
NOVA-YORK: Artur Coelho
HOLLYWOOD: Olimpio Gui-
— — — Iherme — — —
BERLIM: Simon Haimovici
VIENA: Fritz Miko
ROMENIA: Samuel Steinberg

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VISITEM

as NOVAS INSTALAÇÕES da

RADIO-PORTO

na Avenida dos Aliados, 156 a 162

**O MAIOR ESTABELECIMENTO DE
RADIO-TELEFONIA EM PORTUGAL**

RUAS DA CIDADE

Foi uma pena que uma cuidada e habil publicidade não tenha precedido a exibição de *Ruas da Cidade*, publicidade a todos os títulos justa, que, possivelmente, não convenceria o público do raro valor deste filme, mas que o levaria a ver uma obra de grande classe, uma das mais belas amostras da arte cinematográfica, dessa arte cinematográfica que por caminhos tão tortuosos e errados se tem perdido e adúltero.

Eu fiquei sinceramente encantado! E' que *Ruas da Cidade* é, na verdade, uma obra maravilhosa, um daqueles trabalhos que marcam etapas no desenvolvimento da cinematografia, um daqueles filmes que não se esquecem mais.

Notem, porém, uma coisa curiosa. O argumento nada apresenta de extraordinário, de transcendente. E' uma história singelíssima, parecida a tantas outras que vemos a cada passo. E, todavia, não há uma cena que nos pareça já vista, não há um fragmento que se veja sem interesse ou ansiedade, não há um minuto, sequer, em que a simplicidade do argumento se torne notada. E' que houve uma mestria rara guiando a construção de todo o filme, um cuidado invulgar fiscalizando a composição de cada cena, uma extraordinária visão presidindo à escolha de cada ângulo, um saber de mestre recortando toda a obra com detalhes preciosos e de felicíssima concepção. Se eu não soubesse quem foi o director de *Ruas da Cidade*, não suspeitaria dum Poudovkine ou dum Pabst, porque *City Streets* é um filme nitidamente americano, que tem aquele não sei quê que não nos deixa dúvidas sobre a sua origem. Mas não hesitaria muito em crer que ele fôra a obra dum King Vidor ou dum Sternberg. E, todavia, *Ruas da Cidade* é o primeiro trabalho de envergadura de Rouben Mamoulien, notavel director teatral, de nome quasi desconhecido nos meios cinematográficos... E quasi a obra dum debutante. Mas quando se começa assim!...

Ruas da Cidade não é um filme que se possa analisar cuidadosamente sem que muitas vezes o tenhamos visto. E eu vi o filme ainda só uma vez. Não vos falarei minuciosamente desta obra de extraordinário valor, mas salientarei, para que Vocês o notem, os fragmentos e os detalhes que mais me prenderam, quer pela sua importância propriamente cinegráfica, quer pela sua excelente concepção.

Reparem, logo no início, naquela transição do bairro onde cai a cerveja para o rio onde os contrabandistas lançaram um homem, cujo chapéu ficou boiando. Notem a perfeição dessa sucessão de imagens. Reparem na cena do assassinato em plena rua. Fixem esse crescendo visual magnifico (acompanhado por um crescendo de ruidos, de passos, de vozes, de toques de campainhas e sirenes) em que Mamoulien nos mostra rapidamente o acontecimento, em todas as suas

fases primordiais, criando duma maneira impressionante o ambiente que cerca Nan, que, muito calma, se afasta do local do crime, seguindo resolutamente pela rua fóra, uma rua deserta e escura, enquanto que aos nossos ouvidos chega, de longe, o gritar das sirenes dos autos da policia, anunciando o perigo eminente em que a rapariga se encontra. Notem os diálogos à beira-mar comentados pelo ruido das ondas, mais forte quando Nan e Kid se zangam, mais brando quando se apaziguam. Reparem no ângulo do exterior da prisão, lembrando as construções de *A Paixão de Joana d'Arc* de Dreyer. Notem o ambiente de todo o filme, pesado e por vezes lúgubre, creado não somente pela fotografia mas tambem pelos decors, e lembrando por vezes a atmosfera de *Club 73* de Irving Cummings. Reparem naquela imagem da janela da prisão por onde se vê, primeiro, um ramo de arvore com folhas, mais tarde o mesmo ramo coberto de neve —marcação do tempo decorrido. Notem aquela cena em que Nan medita, de noite, na cela, ouvindo a voz do pensamento —inovação já usada por Clair em *O Milhão* mas empregada aqui com mais felicidade. Reparem, por último, na filmagem das cenas finais e nesse lindíssimo quadro com que o filme fecha: pombas voando num céu recortado de nuvens brancas, quadro que parece arrancado duma obra de Eisenstein!

Mas isto são só alguns detalhes. Todo o filme, que está cheio de simbolismos, é um primor de realização e de montagem, um primor! (De passagem deixem-me chamar-vos a atenção para a perfeitíssima tomada de sons. O que a tecnica fonocinematográfica tem avançado!...)

Para desempenharem os papeis principais foram escolhidos Gary Cooper e Sylvia Sidney, artista de teatro que, salvo erro, fizera cinema uma ou duas vezes apenas e em papeis apagados.

Sylvia Sidney —quem me disse que ela era feia? —foi uma revelação! Que grande artista! Que extraordinário temperamento! A cena nas grades da prisão, quando recebe a visita de Gary Cooper, é absolutamente vivida. Sylvia parece não representar. Faz-nos crer que *sente* verdadeiramente a figura interessante de Nan. A fisionomia, os olhos, as mãos, as tonalidades da voz, *dizem tudo* o que essa rapariga deve sentir, sem exageros, sem esgares, sobriamente. Uma grande artista!

Gary Cooper vai lindamente, num papel que lhe fica a matar, assim como os outros, sem distinções, contribuindo todos para que *Ruas da Cidade*, filme impecável, seja uma das mais belas obras cinematográficas até agora realizadas!

BIOGRAFIAS

LOUISE BROOKS

Constou há pouco que Louise Brooks havia declarado aos jornalistas que a sua imagem já-mais se movimentaria na tela. Porém, «Cinelândia», a grande revista norte-americana, referindo-se ao assunto, desmentia-o categoricamente — e, ao que parece, com razão — porquanto, dizia ela, certa companhia *yankee* propunha-se contratar Louise Brooks para a interpretação duma série de filmes. E', pois, de crer que tal atoar-da não passasse duma das inúmeras patranhas levantadas pelos seus agentes de publicidade.

A nossa biografada não é, positivamente, um tipo vulgar de vedeta, de olhares reptílicos ou então de atitudes em que a bréjeirice ocupe o lugar primordial. Não. Louise Brooks, tam característica com a singular «franjinha», é a transparência da sua própria vida. De porte distinto e simultaneamente alegre, consigo nasceu a paixão pela dança em 1904, no estado de Kansas (Wichita), e consigo a mesma paixão evoluciona. Saturada da irritante tranquilidade da terra natal, deixou ver aos autores de seus dias a necessidade de ir para um grande centro, onde pudesse tirar proveito dos seus já então grandes dotes coreográficos.

Efectivamente, pouco tempo decorrido, e lá em pleno coração de Broadway, na célebre Ziegfeld Follies.

Em *tournées* conheceu diversos países do Velho e Novo Mundo, inclusivamente a Inglaterra, onde mais demoradamente permaneceu. Certo dia, durante uma exibição, atraíu as atenções dum realizador, que, depois de inevitáveis *tests* lhe concedeu um papel, de tanta im-

portância como a responsabilidade com que arcava. Conquanto a essa instantânea aparição se tivesse seguido um longo período de tentativas infrutíferas, Louise nunca deixou de ser perseverante, aparecendo amiúde nos locais que, de preferência, as altas individualidades da Arte, que então começava a amar, frequentavam.

Como com essa política nada conseguisse, resolveu empregar-se num dos mais famosos restaurantes da Capital do Cinema, donde, pela excentricidade de servir a freguezia a dançar, foi considerada talentosa e contratada para um filme que brevemente se ia iniciar. Esse filme era nada mais nada menos do que aquele que há anos foi exibido em Portugal com o título de «A Escola de Mendigos», com Thomas Meighan. «A Escola de Mendigos» foi para Louise Brooks

uma estreia de-veras auspiciosa, que lhe valeu um contrato de longa duração com a Paramount.

Seguiu-se-lhe «Vénus Moderna», com Esther Ralston.

Com Menjou e Virginia Valli interpretou a interessante comédia «De Casaca e Luva Branca», de cujo título logo se deduz que nada melhor se poderia adaptar ao género do seu «leading-man». Pouco depois: «Disfrutando a Alta Sociedade», com Menjou e Chester Conklin, e «Cidade Ruidosa», também com Thomas Meighan. Mais tarde, à deliciosa farmaceutica de «Conto de Boticário» cabia um duplo papel em «Recrutados Avia-dores», com o interessante *duo* Beery-Hatton. A sua carreira estava iniciada e o seu nome começava a ser pronunciado por todos os cinéfilos.



LOUISE BROOKS



JACKIE COOPER, com sete anos de idade, o já famoso astro da Metro-Goldwyn-Mayer, experimenta a sua boa estrêla nas complicações da máquina de escrever

UNDERWOOD,
astro mais brilhante no firmamento das máquinas de escrever.

U
N
D
E
R
W
O
O
D

A **Underwood** dá um tom de elegancia e distinção ao seu possuidor.

Agente Geral: CARLOS DUNKEL — Rua do Bomjardim, 81 — P O R T O

TELEFONE: 1013

Muitos outros filmes se seguiram: «Irmãos Inimigos» e «Mendigos da Vida», com Richard Arlen, sendo este último uma produção do grande animador de «Asas», William Wellman, que a crítica muito elogiou; «Caixeiro Viajante», «Punhos de Ferro» e a inesquecível «Rapariga em Cada Porto» («A girl in every port») de Howard Hawks.

Eis que o sonoro começava a apoquentar os cérebros dos americanos e uma cláusula do contrato obrigou, apesar da pouca ou nenhuma fonogenia, Louise Brooks a interpretar o seu primeiro filme falado. Este foi «The Canary Murder Case», exibido em Portugal em versão muda, com o título de «Drama duma Noite».

Entretanto, expirava o seu contrato com a Paramount e Louise embarcou para a Europa, onde o primeiro filme que interpretou foi «A Boceta de Pandora», sob a direcção de G. W. Pabst.

Ainda sob a direcção do famoso realizador germânico, foi a protagonista do grande filme — para Portugal, inédito — «O Diário duma Mulher Perdida», com o talentoso actor alemão Fritz Rasp. Esta obra-prima, possivelmente, já mais será exibida em Portugal, pois, agora mais do que nunca, o nosso público, habituado como está às operetas comezinhas que constantemente nos enviam dos quatro cantos do mundo, não

aceitaria um tema como este que tem qualquer coisa de humano e de estupendo.

O seu filme mais recentemente exibido entre nós foi, como sabem, a versão sonora de «Prémio de Beleza», na encarnação de Lucienne, e que, pela curiosidade do entrecho, ficou mais ou menos gravado na memória dos que o viram. Na América, ainda filmou mais duas películas. Uma, dirigida por Frank Tuttle — «It Pays to Advertise»; e a outra — «God's Gift to Women», com Laura La Plante.

E' esta resenha uma síntese da carreira cinematográfica de Louise Brooks, carreira em que abundam as ilusões e as desilusões como que uma confirmação de que depois da tempestade vem a bonança.

Camilo Vasconcelos.

Um lindo brinde

Da «Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da», a importante firma distribuidora de filmes que esta época nos tem apresentado as melhores produções europeias, recebemos um artístico calendario para o corrente ano.

Muito gratos pela lembrança.

FITAS FALADAS...

Studio Nacional...

Na quarta feira de cinzas estrearam-se em Lisboa quatro filmes: «Anny na Alta Roda», «Ben-Hur Sonoro», «O Misterio da Casa Forte» e «A Pista dos Gigantes». Dêstes quatro filmes interessava-me vêr primeiro o Ben-Hur. Primeiro, porque ainda não o vi (quando êle foi apresentado mudo, eu não estava em Portugal) e segundo, queria aproveitar esta oportunidade para ouvir Cristo falar inglês.

Mas, apesar de tanto interêsse, não o fui vêr. E digo-vos porquê: Se eu fôr vê-lo à noite, corro o risco de ser confundido com os estolidos espetadores leitores das imagens que se projectam no écran. E se fôr a uma matinée aconteça-me o mesmo que ha dias: Ficar rodeado de Changs-Kais-Cheques que vendem colares de perolas no Rocio.

E, então, vale mais esperar que o Ben-Hur seja apresentado na tela amarela do Chantecler...

* * *

No Tivoli, quando da estreia do «Café do Felisberto», estavam numa fila de *fautteils* atrás de mim, umas senhoras que não faziam senão falar do Maurice. Era Maurice, para aqui—Chevalier, para acolá. Em dada altura—talvez por misturarem o cinema com a salchicharia—começaram a trocar o Maurice Chevalier, por Chouriço Chevalier.

Eu achei muita piada, mas ainda mais graça teve o legendista da «Pista dos Gigantes» que, numa das legendas deste filme, apresenta *probalidades*... de continuar a escrever... legendas.

* * *

O studio Nacional tem estado em franca actividade. Durante o carnaval, nas ruas e casas de espectaculos, só se viam operadores a manivelar, a manivelar num nunca mais acabar. Fóra do carnaval, começaram todos a pensar.

Leitão de Barros pensa filmar a «Varanda dos Rouxinóis» e o «Documentário sôbre a Africa». António Fagim pensa arranjar capitalistas para a realização dos «Soldados de Portugal». Heloísa Clara pensa não adoecer mais no meio das filmagens. O Fernando pensa em pedir que haja tôdas as semanas uma quarta-feira de cinzas para se estrearem muitos filmes que o entretenham durante os sete dias da semana. E eu—já agora—penso apaixonar-me por uma estrêla cinematográfica—visto as minhas leitôras não se querem apaixonar por mim.

* * *

E agora uma anecdota, que podia muito bem ter acontecido.

Uma nutrida e vamos lá—airosa rapariga de vinte e não sei quantos anos, que tôda a gente conhecia por Melle. Santos, atirou-se para o cinema como quem se atira para o mar. Foi de cabeça.

E ainda a sua figura não se havia projectado no lençol branco que os espanhóes chamam *pantalla*, isto é: ainda o seu filme de estreia não tinha sido estreado. e já todo o mundo conhecia a rapariga como fenomenal estrêla cinematográfica.

Quando a rapariga passava à porta dos cafés, era ouvir de todos os lados:

—Olha a estrêla Santos.

E tôda a gente olhava.

O Jeremias, cujo retrato ainda há-de ser publicado na *Invicta*, tem a opinião muito pessoal de que as estrêlas (exceptuando a Norna Shearer) não passam duns simples veículos mortaes.

Há dias numa roda de amigos falava-se da nova artista.

Que era bestial, afirmavam os mais parvos.

Que era um amôr concordavam os mais tôlos.

E todos desataram a conjecturar o que fariam se a rapariga lhes desse atenção.

—E tu, ó Jeremias?

—Eu o quê? respondeu o meu amigo ao seu amável companheiro da esquerda.

—Sim, homem; o que fazias se recebesses um... como direi... um minuto de atenção da estrêla Santos.

—Um de quê? Dize lá...

—Sim; um da estrêla Santos...

—Ora... Saltava-lhe para a plataforma e só me apeava no Conde Barão.

* * *

Em Hollywood...

...só se trabalho por atacado. Filmes, divórcios, escândalos é tudo por atacado.

Pouco depois do malfadado escandalo de Clara Bow, apareceu à venda em Hollywood um livro que focava a vida particular de Greta Garbo.

A notícia correu célere por todo o mundo, e, agora, fazendo fê no que escreveu um jornalista de Hollywood, um produtor independente acaba de adquirir os direitos de transpôr para a tela êsse livro, acrescentando as más linguas que a interprete será Marlène Dietrich.

Lisboa, Fevereiro de 1932.

Douglas Fay... bancos

A Divorciada

Super fonofilme da M. G. M.

com:

Jerry	NORMA SHEARER
Ted	CHESTER MORRIS
Paul	CONRAD NAGEL
Don	ROBERT MONTGOMERY
Helen	FLOREECE BRIDGE
Mary	HELENE MILLARD
Bill	ROBERT ELLIOT
Janice	MARY DORAN
Hank	TYLER BROOKE
Hannah	ZELDA SEARS
Dr. Bernard	GEORGE IRVING
Dorothy	HELEN JOHNSON

Realizador: ROBERT Z. LEONARD

— ARGUMENTO —

—Meu amor, por enquanto, sou apenas um pobre jornalista mas que se prepara seriamente para o casamento.—Logo que as condições materiais mo permitam, casaremos. Assim falava Ted à mulher que, de há muito, o fascinara, a interessantíssima Jerry. Ela é que não estava resolvida a esperar, enquanto ele, por seu lado, ia gosando a vida. Não eram santos, afirmava ela, e, por isso, nada de esperas!

Casam-se! Um ano decorre. No dia do primeiro aniversário do precipitado enlace, Jerry descobre que Ted não lhe é fiel. A perfídia fá-la sofrer atrozmente. Passados os primeiros momentos de exaltação íntima, curada, em parte, a aza ferida, Jerry que se gloriava de possuir uma concepção sobre a vida muito especial, muito modernista, decide-se a seguir a mesma senda que o marido seguira.—Se o amor com amor se paga, a infelicidade deve seguir o mesmo ritmo, pensava.

Um amigo do marido é a sua primeira aventura. É a própria Jerry quem confessa a Ted a disposição que adoptará! Uma violenta cena se desenrola. Ela propõe-lhe o perdão—rem-se mutuamente, esquecerem, amarem-se como nos primeiros tempos. Mas, Ted, somente por vaidade, posto que a adora, a-pezar de tudo, não concorda. Tremia ao pensar que quando uma mulher, para mais sedutora e linda como Jerry, «descarrila»...! Assim, o divórcio inicia-se.

Entretanto, Paul, agora casado, um antigo admirador que ela trocára por Ted, confessa a Jerry a pouca ou nenhuma felicidade encontrada no casamento que fizera. Pede-lhe para que ela aguarde que o seu divórcio, que igualmente vai iniciar, se conclua. Uniriam as suas vidas. Criariam uma existência de paz e de amor como compensação aos desenganos que os dois sofreram com as ligações desenhadas que realizaram. Jerry concorda. O plano, porém, desfaz-se, pois Dorothy, esposa de Paul, pede encarecidamente à amiga que não a aparte do homem que desposara e adora.

Sabedora de que Ted se encontra em França,



Uma imagem de «A Divorciada»

levando ali uma vida errante, obsecado pela mais pura bohemia parisiense, parte ao seu encontro, disposta a suplicar-lhe o perdão.—Porque não me deixas esquecer-te, Jerry?—Se eu deixei Nova York para que a tua lembrança mais facilmente se desapossasse do meu espírito!—Se não me odeias, Ted, dir-te-hei que também tive que abandonar Nova York por não poder olvidar a pequenina igreja onde nós casámos!

—Se nos reconciliássemos, acrescenta Jerry E, esquecendo mutuamente o maldito passado e pensando firmemente nas delícias dum futuro risonho, as duas almas desavindas abraçam-se ternamente, crentes de que um mau destino não voltará a separá-las! Será a reconciliação duradoira?

Sabe-se lá! Quando um homem e uma mulher resvalam simultaneamente...!

Estreia na
próxima 2.^a feira

— n o —

Águia d'Ouro

Neste momento em que a maioria das nações parece querer preparar-se para nos apresentar um novo espectáculo igual ou pior àquele que deu a sua última exibição em 11 de Novembro de 1918, achamos interessante publicar algumas notas sobre alguns artistas cinematográficos que lutaram nos campos de batalha durante a Grande Guerra.

O praça Maurice Chevalier pode contar o que eram os campos de prisioneiros na Alemanha:

«Ainda estavam húmidos os boletins que nos chamavam, em Paris, para servir no *front* e já eu ia junto com os outros companheiros. Iamos contentes como se fôssemos para uma pandega. Depois compreendemos o que «aquilo» era e para mim só socogeu a carnificina quando me encontrei, não sei como, num hospital alemão. Era prisioneiro e a minha desolação e agonia duraram meses. Foi durante esse período que um soldado inglês, também prisioneiro, me ensinou inglês. Em troca, ensinei-lhe francês»

Talvez tenha sido a guerra que me atirou para Hollywood»...

Quando o armistício foi assinado, o tenente John Boles achava-se na pequena vila de Autun, em França, à porta do café de madame Piot. Boles, fazia parte do Departamento de Investigações Criminaes.

«A guerra deixou-me muitas recordações», diz ele.

«Uma delas foi a visita que o presidente Wilson fez à França que, naquela época, o festejava como verdadeiro salvador. Houve um encontro de valores militares franceses e americanos e dessa cerimónia jámais me esquecerei».

Lembro-me, como se fosse hoje, do momento em que vi lágrimas nos olhos do general Pershing, do presidente Wilson e do presidente Poincaré, um ídolo da França naqueles tempos».

Outro que guarda recordações interessantes é John Loder. Ele foi capitão do exercito inglês e, por uma suspeita, quasi foi executado por um poletão alemão. Conheceu o príncipe herdeiro da Alemanha.

«Creio no anjo da guarda — diz John Loder — pois só poderia ter sido um anjo aquele que me livrou milagrosamente da morte por fusilamento. Cheguei a ser alinhado com alguns companheiros, deante do esquadrão e senti, naquele momento, todos os horrores da morte».

O major Victor Mc Laglen serviu na Arabia, durante a guerra. Quando esta terminou, achava-se ele em Bagdade. Passára desoito meses no deserto, sofrendo bastantes privações.

«Foi em Bagdade que tive a noticia do armistício. Que alívio! Palavra, respirei».

Além dele, todos os seus irmãos serviram o exercito inglês.

Buster Keaton tinha menos de vinte anos quando a guerra o surpreendeu. Alistou-se e seguiu. Foi ferido em combate, tendo perdido parte de um dedo da mão direita.



REGINALD DENNY

fez parte do Real Corpo de Aviadores Ingleses

Os artistas cinematográficos que lutaram durante a Guerra

Ivan Lebedeff foi oficial do exercito russo. Tomou parte em vários combates tendo prendido o general alemão Von Fabarius, único graduado que as tropas russas capturaram durante a guerra. Lebedeff é condecorado com a cruz de S. Jorge. Foi ferido várias vezes tendo sido ainda ha pouco operado para lhe ser extraída uma bala que trazia localizada ha 14 anos, num ombro.

Clive Brook conseguiu o posto de major devido à sua bravura. Entrou em vários combates tendo estado, depois do armistício, internado numa casa de

saúde para se tratar de doenças graves que herdou nos campos de batalha.

Adolphe Menjou chegou ao posto de capitão tendo sido felicitado pessoalmente por Clemenceau pela sua bravura.

Possui algumas condecorações, tendo sido várias vezes ferido.

Claude Allister serviu no exercito inglês e pilotou o primeiro *tank* inglês que entrou na batalha de Cambrai.

Kenneth Harlan foi o primeiro soldado americano a combater ao lado das forças francesas.

O tenente Norman Kerry, praticou vários actos heroicos quando comandou o corpo de *tanks* americanos.

Paul Lukas, foi soldado do exercito hungaro durante toda a guerra.

Reginald Denny foi aviador do Real Corpo de Aviadores Ingleses tendo entrado em vários combates.

Entre outros artistas que lutaram durante a Grande Guerra, conta-se ainda Ronald Colman, John Miljan, George K. Arthur, Wesley Ruggles, etc.



NORMAN KERRY, comandou o corpo de «tanks» americanos

Uma conversa com uma rapariga inteligente

Eu tenho um amigo que está absolutamente convencido de que a inteligência na mulher existe na razão inversa da beleza.

Para ôle, uma mulher desde que seja bonita é forçosamente estúpida e vaidosa.

Quanto a este último atributo estou plenamente de acôrdo, pois todas as mulheres — feias e bonitas — são muitíssimo vaidosas, mas quanto à intelligência não penso de igual forma.

Concordo que por via de regra as mulheres bonitas não são inteligentes, ousa

mesmo dizer que uma mulher inteligente quasi pôde ser considerada um caso esporádico, mas todavia entendendo que nada de positivo se pode afirmar a este respeito.

A prova vão tê-la vocês imediatamente.

Fui há dias apresentado a uma rapariga verdadeiramente encantadora.

Trocadas as primeiras palavras, as primeiras amabilidades, a conversa caiu — era infalível! — sobre cinema.

E foi tão grande a minha surpresa ao ver a quantidade de coisas inteligentes que essa rapariga disse, que eu não resisti à tentação de transformar a nossa amável e despreocupada palestra numa entrevista.

Até hoje, quasi todas as raparigas que comigo têm trocado impressões sobre assuntos cinematográficos, limitam-se a falarem-me com um entusiasmo parvo dos galãs, a trautear as canções dos fonofilmes, a acharem a Lilian Harvey muito engraçadinha e a dizerem mal da Greta Garbo cuja maneira de olhar — dizem elas — lhes faz nójo.

A rapariga que é hoje minha entrevistada mostrou-se apenas inteligente crítico, absolutamente calma, devido



MAURICE CHEVALIER

no filme «O Tenente Seductor»

com certeza a assistir às exhibições de filmes sem a preocupação de vêr mais do que os outros

—Gosto imenso de cinema, disse-me ela. E' para mim o principal entretenimento.

E' bom notar, no entanto, que eu por entretenimento não compreendo apenas aquilo que dá prazer aos nossos sentidos.

Para mim, um filme como por exemplo o «Quatro de Infantaria» constitui um melhor entretenimento do que «O congresso que dança», e note você que eu gostei imenso d'este delicioso fonofilme.

Eu por entretenimento não compreendo apenas aquilo que nos faz sorrir, que deixa descansar o cérebro e apenas nos entretem os sentidos. Não! Eu considero entretenimento tudo o que nos consegue distrair, tudo o que faz funcionar o cérebro, tudo o que nos tira da monótona apatia espiritual em que usualmente nos encontramos.

Você compreende. Eu estou a vêr um filme como por exemplo o que já citei, o «Quatro de

Infantaria». A minha atenção é absolutamente tomada, atraída, galvanizada pelo desenrolar das imagens e das ideias, e enquanto o filme dura não penso em mais nada, não me lembro sequer que estou sentada numa cadeira dum cinema, não tenho portanto tempo de me aborrecer.

Apenas pelo facto d' tema tratado ser o mais sério possível não se deve considerar um entretenimento? E porque não?

Eu vejo um filme bom com o mesmo prazer com que leio um bom livro.

Um filme no género do «Caminho do Paraíso» o do «Congresso que dança» lembra-me sempre os romances de Dekobra, livros esplendidos para se lerem em viagem ou na praia, enquanto se toma um bom banho de sol.

Em presença de certos filmes russos evoco sempre Maximo Gorki e Barbusse.

«O Milhão» — vá lá, não se ria do que vou dizer — fez-me recordar por vezes algumas páginas de Eça, repassadas de ironia cortante.

Aquela prima-dona da ópera e o tenor Sopraneli, descritos pelo grande escritor, deviam aproximar-se imenso das figuras criadas por René Clair.

Você, por quem é, não julgue que eu estou para aqui a brincar aos intelectuais. E' isto muito simplesmente o que eu penso e que tenho a sinceridade de lhe dizer».

Por momentos, e a propósito de Dekobra, falamos de viagens, mas não tardou muito que o cinema voltasse à baila.

E aquela linda rapariga, loquaz como toda a meridional, continuou:

—Da última vez que estive em França com meus pais, tive ocasião de visitar os estúdios da Paramount em Joinville, nos arredores de Paris.

(Conclui na página 14)

na próxima semana no
AGUIA D'OURO
A DIVORCIADA

o primeiro filme falado da apreciadíssima
NORMA SHEARER

admiravelmente secundada por

CHESTER MORRIS
CONRAD NAGEL
ROBERT MONTGOMERY
MARY DORAN
e outros artistas

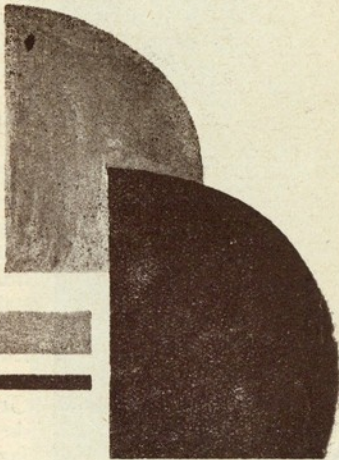
Realização de ROBERT Z. LEONARD

Desempenho admirável com os principais protagonistas a cargo de quatro autênticos "astros" da tela. A primeira realização em que o divórcio é focado nos seus múltiplos aspectos, com cenas da vida real vivida pela alta sociedade Nova Yorquina, com finalidade — — — — — moralista. — — — — —

Norma Shearer, a actriz de porte magestoso, denominada a "rainha da elegância" exhibe neste filme "toilettes" dum luxo requintado, algumas idealizadas — — — — — por ela própria. — — — — —

A DIVORCIADA tem obtido os maiores sucessos, em toda a parte onde tem sido apresentado.

Produção - METRO-GOLDWYN-MAYER



COMENTARIOS...



NA semana que agora decorre, após as várias «semanas» de tudo quanto a imaginação humana pôde inventar, exibem-se dois filmes de Milton. Um em estreia no Aguiá d'Ouro, «O Rei da Graxa», e outro em «reprise» no Batalha, «O Rei dos Borlistas». Esta última produção, para justificar o seu título, vai beneficiar de «borla» o reclame feito ao «Rei da Graxa». Ora não seria mais bonito, embora menos «inteligente», que a Empresa reservasse a «reprise» de «O Rei dos Borlistas» para outra data; a não sêr que quizessem criar mais uma «semana» que passaria a denominar-se a «Semana de Bouboule». O São Luiz da Batalha, como diz um nosso colega, desta vez deu raia... mas conseguiu dar o tiro...

O sueto acima, fez-nos bem lembrar a luta entre os partidários de Greta Garbo e Marlène Dietrich. Embora a grande artista alemã não precise viver á sombra do nome de Greta Garbo, o facto é que Marlène tornou-se mais rapidamente notada (pelo menos em Portugal) pela maneira como o reclame feito á sua volta, foi conduzido, apresentando-a como rival de Greta Garbo. No entanto, apesar de «Fatalidade» ser visionada por alguns como uma grande obra prima, temos a opinião que ainda não será desta investida que a «estrela» maxima da «Metro» será sobrejugada pela sua colega da «Paramount».

LUZES DA CIDADE tem sido o filme que a maioria dos nossos cinéfilos mais tem discutido, sobre a hipótese da sua exibição em Portugal.

Dizem uns, que as tentativas de certa casa alugadora encontraram uma forte barreira na importancia pedida pelo filme, e que de facto é bastante exagerada para o nosso meio.

Dizem outros, que uma empresa portuense encetou negociações para a sua compra para Portugal.

E depois, de tanta celeuma, não virá um filme «Luzes do Mundo» que possa eclipsar as «Luzes da Cidade», para vêr se assim termina a discussão sobre o já malfadado (malfadado para nós) filme de Charlot...

A ocasião é tudo, tanto no cinema como em todas as manifestações sociaes... O filme «Revista das Revistas» que no início do sonoro teria tido em exito formidável, passou na tela do Cinema Aguiá d'Ouro, perante a indeferença da maioria do público, não obstante, a estupenda montagem da «parada das estrelas» da Warner-First.

A opinião do público, varia como o vento...

LILIAN Harvey, é hoje a artista mais querida pelas nossas plateias. A extraordinária vedeta alemã tem um successo garantido em cada um dos seus trabalhos.

E' para os nossos leitores verem que não é necessário ir para a America para criar fama, antes pelo contrário, alguns «astros» europeus tem-se eclipsado quando se deslocam para o país dos dollares.

Que o diga Emil Jannigs. Bem faz Lilian Harvey que

não se deixa suggestionar pelo poder do ouro, e antes preferir ficar na Europa, aonde o seu estupendo talento é aproveitado com intelligência pela UFA.

BUSTER Keaton, nas suas ultimas produções sonoras ainda não nos deu uma interpretação que se possa classificar de boa.

Efeito do sonoro, das cenarizações, ou da quebra de valor do citado artista, a verdade é que os seus últimos trabalhos tem sido muito infelizes. Os «gags» repetem-se com enorme frequência e mesmo a atracção antiga que elle oferecia e que lhe mereceu o apelido do homem que não ri, tende a desaparecer.

Nas únicas cenas em que o citado artista é ainda Pampinas é quando não fala. Os idolos do cinema mudo vão decaído e em compensação os «novos» do sonoro vão-se firmando no conceito do público. E será sempre assim, rei morto... rei posto...

A critica feita aos filmes, nos jornaes diários, na nossa modesta opinião, deve ter por missão orientar o público sobre o valor das obras que nos são apresentadas.

Ora, a maneira como essa critica é conduzida nos nossos jornaes é digna de censura pois não é justo que um filme estreado numa segunda-feira, seja muitas vezes comentado num sabado.

Porque razão, a apreciações a uma première teatral é publicada no dia seguinte, e para as estreias nos cinemas não sucede o mesmo?

A terminar, ou a critica é feita com a devida oportunidade, ou então é melhor não a fazerem.

EM certa cena de «Ruas da Cidade», durante a sua apresentação, um espectador fez o seguinte comentário: «Coitadinha! Olha como ela ficou amarela».

Não notamos que o filme fosse colorido...

NÓS



DANSA

Ensino teórico e
prático

Peixoto Guimarães

Rua Mártires da Liberdade, 240

PORTO

NA CAPA:

Norma Shearer a fulgurante estrela americana que vamos apreciar em «A DIVORCIADA».

Um Académico - Porto - Está enganado, as suas cartas, mesmo que sejam muito grandes não me maçam nada. A sua ideia de fazer um sumário do conteúdo da nossa revista é interessante mas, infelizmente, não se pode aproveitar, porque roubaria muito espaço com um assunto que, se bem que nos interessasse a nós, não interessaria à maior parte dos leitores. A pessoa por quem perguntei é aquela que usa um pseudónimo parecido com o seu... Compreende agora? Adeus meu caro! Obrigado por tudo e escreva sempre sem receio de me vir importunar.

Mar-e-Alva - Porto - Eu li essa piada do correspondente do «Janeiro» em Braga dizer que *Matoul* era interpretado por Fritz Lang... Como essa há muitas, mas esse correspondente do «Janeiro» é especialista nestas coisas...

Salústio - Braga - Acabei agora mesmo de falar num patricio seu. Com respeito ao que se refere é melhor queixar-se num jornal local. Queira perdoar.

Cinéfilo debutante - Porto - Tenho lido as melhores referências ao filme *Ruas da Cidade*, que, segundo creio, é uma obra de grande mérito. A ver vamos. Gostei muito de *Anny*, e os *Carteiros*. Palavra que me ri a valer. Não há aqui a subtilidade a «finesse» de *Mam'zelle Nitouche*, mas há muito maior número de «gags» e «gags» felicíssimos. Lembro-me, sim, de ter visto um filme com o título de *O Café Cantante* com Dolly Davis, Igo Sym e Rudolf Klein Rogge nos principais papeis. Se não estou em erro o realizador foi Gustav Ockicky, de quem vimos, ainda há pouco tempo, *Espionagem* e *Vagabundo Imortal*. *Café Cantante* era uma película de pouco valor.

Alberto - Porto - Na terça-feira gorda dei uma vista de olhos pelos cinemas. A animação era grande. Durante essa minha tournée pelas casas de espectáculos constatei uma coisa engraçada: não se «jogava o carnaval», enchouzava-se o penante... É verdade. Houve ocasiões em que eu tive a impressão que os espectadores tinham pegado a sério à pancada, tal era a fúria com que se «bombardavam» com bolas de papel... Parece que *Tragédia na mina*, de Pabst, sempre se exhibe em Portugal. Os jornais franceses tem-lhe tecido os mais largos panegíricos. Deve ser uma obra de grande valor. Basta ser um filme de Pabst, para ser digno de ser visto. - Apareça por cá mais vezes, Você tem andado fugido.

Rei Boris - Porto - Diga-me uma coisa: eu que tenho com isso? As suas lamentações são descabidas. De mais a mais a «Tribuna dos Leitores» não é para essas coisas, Magestade. Deixe-se disso.

Eduardo Dias Rego - Ponta Delgada - Eu já devia ter respondido à sua carta, mas ela perdeu-se no meio doutra papelada e só agora voltei a dar com ela. Ai vão algumas das direcções que deseja saber: Ester Leão R. Pinheiro Chagas. 12, 1.º eq., Lisboa; Adelina Abranches - Estrada de Palhavã, 26 1.º, Lisboa; Irene Isidro - R. Pascoal de Melo, A. C. 2.º eq., Lisboa; Maria Helena - ao cuidado de Maria Matos Av. Duque d'Ávila, 24, 2.º Lisboa; Margarida d'Almeida - R. Conde Redondo, 59, 2.º dir., Lisboa; Maria Cristina - Teatro Politeama, Lisboa. As ontras não sei. Creio que a maior parte dessas artistas (se não todas) não lhe mandarão o retrato. Todavia Você experimente. E para outra vez não pergunte tantas direcções duma só assentada.

O Invisível - Ponta Delgada - Eu tinha uma vaga ideia de já lhe ter respondido, mas aparece-me agora a sua carta no monte das cartas para responder... e eu já me não lembro do que fiz, nem posso agora ir percorrer os números atrasados de *Invicta-Cine*, porque não os tenho aqui à mão...

Li a sua carta do principio até ao fim, li-a depois do fim para o principio, li-a em seguida do meio para os lados... e não cheguei a perceber o que Você quer. Depois ser cinéfilo a sério não é nem coleccionar programas, nem coleccionar fotografias de artistas, nem conhecer as biografias dos «astros» e das «estrélas». Ser cinéfilo... é uma

coisa muito mais simples: é gostar de cinema, é procurar compreender cinema. É para isso é preciso ver muitos filmes, orientar as suas opiniões pelas opiniões dos criticos cinematográficos que lhe merecerem mais confiança, e criar, pela leitura de revistas especializadas ou de livros sobre cinema (mas em português não há nada), uma cultura zinha cinematográfico-artística.

Cavaleiro Fantasma - Lisboa - O carnaval pouco me seduz, amigo... mas parece-me que, fóra das casas de espectáculos, os folgoes carnavalescos estiveram muito murchos. Isto foi o que disseram, porque não me dei ao incómodo de ir ver o còrso, nem nêle participar. Se tenho feito muitas conquistas? Eu não preciso de fazer conquistas... As mulheres caem me aos pés como tórdos, reuendo-me homenagens...

Creio que Tom Mix não abandonará o género que o celebrou. Agora está filmando para a Universal *Destry Rides Again*. Apareça mais vezes por cá.

Sosia de Chevalier - Porto - Verá dentro em muito breve Maurice Chevalier em *O Café de Felisberto*, que será exibido possivelmente no Trindade. Chevalier continúa a tra-

balhar no cinema. O seu último filme chama-se *Uma hora junto de ti* e já deve ter sido apresentado a público na América.

Um futuro médico - Porto - asua reclamação não deixa de ser justíssima, mas, por conveniências de serviço, não pode-

mos aceder ao seu pedido. Você perdoar-nos-á, não é assim? A *Invicta* tem saído, realmente, com um dia de atraso, porem, de futuro, vamos procurar impedir que saia assim arde. Sim, qualquer leitor pode dar as suas opiniões na «Tribuna dos Leitores», desde que o que escreva tenha alguma originalidade e apresente interesse.

Folião Mór - Porto - Tanto melhor que se tenha divertido à valentona durante o fim do carnaval. Eu «divirto-me sempre muito» nesses dias de loucura regulamentada e oficial... Pelo que já disse a outros leitores Você pode ir fazendo uma ideia...

Não pude ver o filme de que me fala porisso não sei a que se refere.

Pamplins II - Porto - Gostei de *Anny e os Carteiros*. Era muito engraçado. Ri-me a valer com as cenas no teatro. Sou absolutamente da sua opinião.

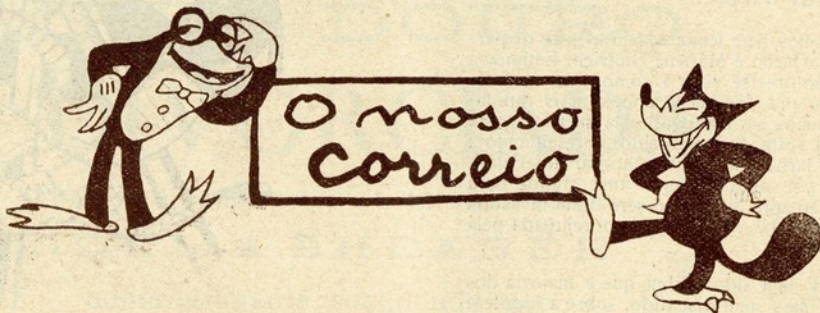
Achei meio-sensaborona a fita do Pamplinas: *Fabricante de Estrelas*. E aquele final à la Charlie Chaplin não tinha grandeza nenhuma. E' que entre Pamplinas e Charlot vão léguas de distância...

Admiradôra de Georges Milton - Porto - Você, esta semana, deve andar radiante. Tem o seu idolo no «Águia» no *Rei da Graxa* e no «Batalha» no *Rei dos Borlistas*. Pode-se encher de Milton até às pontas dos cabelos. Também eu o acho muito engraçado. Nóto com prazer que os bonus gentilmente concedidos pela empresa do «Águia d'Ouro» lhe fizeram «um geitão». Creio que o mesmo aconteceu com a maioria dos nossos leitores que tem disponíveis as tardes de sábado.

Guidita - Porto - Não imagina como eu lamento aquele pobre rapaz. Tão simpático, tão terno, tão... apaixonado, e Você faz-lhe uma coisa dessas, mesmo no nariz do desgraçado! Então a titi fez-lhe essa partida? Tudo se paga neste mundo, como vê... Dê-me sempre notícias suas, terei muito prazer em palestrar consigo.

A. Gomes - Lisboa - Obrigado pelo renovamento da sua assinatura. Abraços entregues ao A. C., ao Douglas Faz... Bankos e ao S., que muito agradecem. A Administração vai mandar-lhe, ou já lhe mandou, os exemplares que lhe faltam à excepção dum que está completamente esgotado.

Manuel Gomes Frias - Porto - Muito obrigado! Mas Você é duma gentileza sem limites! Receba em paga um grande abraço do



ACTIVIDADE CINEMATOGRAFICA EM TODO O MUNDO

LIL Dagover, voltará aos estudos da *Warner-First*, no fim do corrente mês, afim de trabalhar num novo filme cujo título oportunamente será anunciado.

ERNEST B. Schoedsack, o realizador de «Rango», terminou, na India, a filmagem de «Bengali».

OLGA Tschekowa, encontra-se actualmente em Paris, contratada pela *Paramount*, para desempenhar o principal papel de «Anna Karénina» que Karel Anton vai realizar nos estudos de Joinville.

MARIO Bonnard continúa, nos estudos da *Tobis*, a filmagem de «Pas de femmes», original de Georgius. A seguir, Mario Bonnard, filmará «Le Club des Fauchés».

PAUL Fejos terminou a realização do fonofilme policial, «Fantomas».

O conhecido encenador Léon Poirier concluiu a montagem do filme «La Folle Nuit». Esta produção será apresentada ao público parisiense em meados do próximo mês de Março.

ROUBEN Mamoulian, vai dirigir Maurice Chevalier Jeanette Mac Donald e Robert Coogan, em «Love me to Night».

EM 30 de Maio p. f., efectua-se, em Londres, o «Congresso Internacional do Cinema».

DEPOIS de uma longa estadia em Hollywood, regressou recentemente a Berlim o realizador Ludwig Berger o qual vai dirigir uma nova produção de Erich Pommer.

DOLLY Haas, será o interprete da versão alemã de «As Noites de Paris» que Fedor Ozep vai produzir.

O tenor Jean Kiepura foi contratado por uma empresa produtora de filmes da Alemanha.

O conhecido «metteur-en-scène» Wilhelm Thiele vai realizar «Glück auf Rädern».

Serão feitas três versões: alemã, francesa e inglesa.

HARRY Beaumont foi escolhido para dirigir «Are You Listening» adaptação da famosa novela de J. P. McEvoy que vai ser filmada brevemente pela Metro-Goldwyn-Mayer.

LEO McCarey, um dos famosos directores de comédias em Hollywood, vai dirigir Marie Dressler e Polly Moran no filme «Prosperity».

Esta nova produção de Marie Dressler e Polly Moran, uma história original de Vanda Tuhock e Zelda Sears, trata dum tema muito oportuno. Refere-se aos esforços de duas mulheres espirituosas para organizar a desmoralizada vida económica duma cidade pequena. Deste simples começo, a alegre «Reorganização» prosegue até que a cidade inteirase entrega afoitamente á procura duma base firme á «prova da depressão» que indirectamente resulta em grandes benefícios para as duas mulheres.

CHARLES Brabin está dirigindo o novo filme «City Sentinel», nos estudos da M. G. M., com Walter Huston e Jean Harlow nos principais papeis.

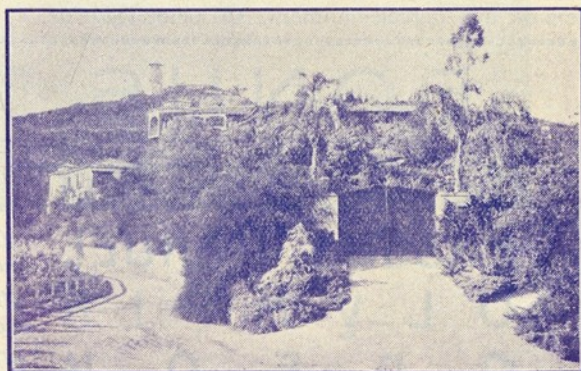
O filme em questão trata dos problemas com que a policia é confrontada nas principais cidades americanas, mostrando as dificuldades que são encontradas para manter a lei nos U. S. A.

Miss Harlow, que apareceu recentemente em «The Secret Six», «Platinum Blonde» e outros exitos, interpreta o papel duma jovem perseguida pela policia e que mais tarde se converte em amiga e aliada dos defensores da lei. Wallace Ford caracteriza um dos detectives das forças policiaes.

LIONEL e John Barrymore vão aparecer juntos num filme pela primeira vez.

Os dois famosos irmãos principiaram a trabalhar em «Arsenio Lupin». John interpreta o elegante bandido e Lionel, o implacável detective que segue as suas pégadas.

Lionel está com a Metro-Goldwyn-Mayer por vários anos, como actor e director.



O bungalow de John Barrymore

Carta de Viena

(Do nosso correspondente particular)

O «Cinema Apollo» apresentou ultimamente o filme *Dollys erster Ball*, uma produção de Wilhelm Thiele extraída duma novela de Irene Nemirowski.

Esta película conta-nos um caso de atropelamento social e conjugal resultante da repentina ascensão duma família insignificante: Alfred (Reihold Schunzel) e Jeanne Kampf (Lucie Mannheim), donos duma loja de quinquilharias de Paris, ficaram ricos inesperadamente. Ambos desejam, agora tomar uma mais elevada posição na sociedade, muito especialmente Madame Jeanne que não pensa noutra coisa, esquecendo-se até da sua linda filhinha Antoinette (Dolly Haas) que, dantes, tratava com os maiores carinhos. A mãe começa um «flirt» com um senador e organiza um grande baile para, finalmente, se pôr em contacto mais íntimo com ele e, simultaneamente, com a aristocracia de Paris. Mas Antoinette estraga-lhe os planos. Em lugar de deitar os cartões de convite a um marco-postal, deita-os... ao Sena, e, quando o baile devia começar, nem um conviva apareceu... à excepção duma velha tia, dos músicos e do exercito de creados... A festa não se realizou, mas o casal reconciliou-se voltando de novo para a era da felicidade que haviam perdido. Antoinette ganhara o dia.

O filme não é muito original mas é interes-

sante e bem desempenhado. Bonita música de W. Heymann

No «Imperial Cinema» exhibiu-se *Die spanische Fliege* uma engraçadíssima comédia realizada por Georg Jacoby com música de Jean Gilbert

O público acompanhou todo este filme com continuas gargalhadas a pontos de ser impossível ouvir, por momentos, o diálogo. Trata-se duma história focando a «moralidade» na província. Toda a gente é membro da «Liga pro aperfeiçoamento moral...» mas ninguém está isento de pecado. Imaginem agora uma série ininterrupta de confusões à volta dos «respeitáveis» membros desta liga e do «filho» duma dançarina espanhola, filho que jamais existiu mas que, não obstante isso, tinha cinco pais...

Os primeiros papeis desta hilariante comédia foram dados a Lizzi Waldmuller, Betty Byrd, Lizzi Katzler, Fritz Schulz, Ralph Roberts e Oscar Saho.

No «Cinema Elite» tem passado um novo filme de Hans Albers, intitulado *Der Drangänger*, dirigido por Richard Eichberg. Desempenham as principais figuras: Hans Albers, Gerda Maurus, Martha Eggerth e Ernst Stahl-Nach Lar. (Viena - Fevereiro, 3)

F. MIKO.

Uma conversa com uma rapariga inteligente

(Conclusão)

Fiquei encantada. Além de ter visto como se trabalha num grande estúdio de filmes sonoros, o que eu há muito desejara, tive o prazer de ver pessoalmente alguns artistas conhecidos em toda a parte, como Suzy Vernon, Henry Garat, Conrad Veidt e alguns outros

E, não sei porquê, fiquei um bocadinho admirada de ver que todos eles eram pessoas absolutamente vulgares, que, perdidos no meio da multidão, ali no Chiado, passariam absolutamente despercebidos. Ao ver o Henry Garat, ali a dois metros de mim, não pude deixar de sorrir à ideia de que aquele homem, só pelo facto de

aparecer nos filmes, tinha milhares de apaixonadas por esse mundo fóra.

Nesta altura não pude deixar de lhe fazer uma pergunta que por uma questão de sistema faço a todas as raparigas.

—Você gostaria de fazer cinema?

—Eu lhe digo. Não tenho por isso um entusiasmo louco, como quasi todas as raparigas da minha idade. No entanto, confesso-lhe que era uma das coisas que eu gostaria de tentar. Devia ser engraçado eu ver-me a mim própria a andar, a rir, a falar...

Na verdade, devia ser engraçado...

A conversa mudou de rumo e perdeu portanto, todo o interesse para vocês.

(Lisboa, fevereiro de 1932). -- FERNANDO

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE pelas Ex.^{mas} Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO
PASSOS MANUEL
OLYMPIA
ODEON

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 27 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 25 de Fevereiro de 1932.

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 25 ou 27 de Fev. de 1932.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 27 de Fevereiro de 1932.

Escuta... compra as
sedas, lãs,
peles e
botoes

**CENTRAL
DOS
LOIOS**

11-LOIOS-14
TELEF. 1599
~PÓRTO~

A vintage black and white photograph of a woman with dark, wavy hair, wearing a light-colored, possibly lace-trimmed dress. She is seated and holding a rotary telephone receiver to her ear with her right hand. In her left hand, she holds a small bouquet of dark roses. In the foreground, to her right, is a silver-plated tray containing a teapot, a cup, and a saucer. The background is softly blurred, showing what appears to be a lamp and some furniture. The entire advertisement is framed by a decorative, hand-drawn border.

CASTELO LOPES, L.^{DA}

A firma detentora dos melhores filmes europeus
e americanos apresenta brevemente no Porto

OS FILHOS - emocionante fonofilme com
Jenevieve Tobin, Lois Wil-
son e John Boles

A VALSA DOS CORAÇÕES - encantadora
opereta com
Walter Janssen e Gretl Theimer

O MISTERIO DA CASA FORTE - fonofilme
de assunto
policial, com Harry Piel, Dary Holm,
Elizabeth Pinajeff e Hans Junkermann.

AVENTURA AMOROSA e NOITES DE VENEZA